

**PRONUNCIAMENTO DO SENHOR PAULO SOUTO,  
GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA,  
POR OCASIÃO DA 2ª CONFERÊNCIA MUNDIAL DO CAFÉ**

**Salvador, Bahia, 24 de setembro de 2005**

Exmo. Senhor Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva  
Exmo. Senhor Presidente da Colômbia, Álvaro Uribe Vélez  
Outros Chefes de Estado convidados  
Presidente da 2ª Conferência Mundial do Café, Ministro Roberto Rodrigues  
Diretor-Executivo da Organização Internacional do Café (OIC), Néstor Osorio

Minhas primeiras palavras são de agradecimento ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil e à Organização Internacional do Café, organizadores e realizadores desta 2ª Conferência Mundial do Café, pelo privilégio e a honra de terem escolhido o Estado da Bahia para sediar esta segunda edição da Conferência, o mais importante evento da cafeicultura mundial.

Estou convencido de que nenhum outro lugar poderia ser mais indicado para se refletir sobre “As lições que surgem da crise do café”, ou sobre “Políticas de café” ou, ainda, sobre uma “Economia cafeeira sustentável”, eixos temáticos desta Conferência, do que a nossa Bahia!

Bahia, por onde começou o Brasil.

Bahia, que ajuda o agronegócio brasileiro a ser um dos mais competitivos do mundo.

Bahia, que está colhendo a maior safra de grãos de toda a sua história, quase 6 milhões de toneladas.

Bahia, que gerou e inspirou Jorge Amado.

É por estas razões que estou absolutamente convencido de que a nossa terra tem todos os predicados para iluminar e inspirar a todas as senhoras e aos senhores nas melhores respostas para os destinos da cafeicultura mundial.

Mas a Bahia não é somente pródiga em inspiração, alegria e hospitalidade.

A Bahia é, também, a terra dos bons cafés.

A diversidade natural dos nossos solos e clima e a excepcional oferta de água permitem um extraordinário desenvolvimento tanto dos cafés Arábica quanto Robusta.

Nossa safra de café já ultrapassa dois milhões de sacas, e em todo o negócio estão envolvidas mais de 250 mil pessoas – portanto, um setor relevante para a nossa economia.

Aqui, na nossa Região Oeste, alcançamos uma das maiores produtividades do Brasil e do mundo.

Os cafés baianos também são conhecidos por ganharem, freqüentemente, consagrados prêmios nacionais, destinados aos cafés de qualidade.

E o mais importante: a Bahia ainda dispõe de uma área superior a 250 mil hectares, totalmente vocacionada para a cultura do café.

Embora consciente desse imenso potencial, preocupa-me, por outro lado, o resultado de recente pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil, na qual os 570 produtores entrevistados afirmaram que, até agora, não recuperaram a sua renda, apesar da melhoria dos preços internacionais verificada nos últimos doze meses.

Entendo que este fórum seja o espaço mais adequado para se discutir políticas que minimizem os efeitos danosos das oscilações de preços tão comuns no setor.

Nesse sentido, tenho o dever de ressaltar que o Brasil tem feito um grande esforço para melhorar a qualidade da sua produção cafeeira e para aumentar o seu consumo interno.

Creio que essa atitude de estimular o consumo interno, se adotada por outros países produtores, poderia conferir uma maior estabilidade aos preços, mesmo nas grandes safras.

Mas entendo que são necessários outros mecanismos, sobretudo aqueles dirigidos a reduzir a vulnerabilidade dos pequenos cafeicultores, assim como aqueles que objetivem a abertura de novos mercados.

Nesse último caso, a inclusão da cotação do café despulpado brasileiro no contrato “C” da bolsa de Nova York seria uma saudável demonstração de maturidade política e de efetiva contribuição com o desenvolvimento de países que lutam com tenacidade para diminuir as suas persistentes desigualdades sociais.

Na qualidade de Governador, tenho o dever de preocupar-me com todos os segmentos; todavia, devo, também, dedicar uma atenção especial aos menores e aos mais desprotegidos.

Assim, penso que é necessário que os países produtores exerçam uma maior influência nos rumos do mercado internacional do café.

O referencial de preços quase exclusivo das bolsas internacionais, influenciadas, quase sempre, por enormes volumes de capital especulativo, deve ser objeto de preocupação permanente por todos aqueles que entendem que o desenvolvimento sustentável não significa o desenvolvimento de alguns.

Essa prática tem penalizado muitos produtores em todo o mundo, principalmente os pequenos.

Apesar dessas constatações, a Bahia acredita na cafeicultura e no seu futuro.

Mesmo nestes últimos anos de preços baixos, a Bahia acolheu e apoiou investidores em seu território com energia, estradas e outras políticas de estímulo para a sua implantação.

Tenho certeza de que a Bahia está se tornando uma das melhores alternativas para investimento no agronegócio do café, sempre apoiada na melhor tecnologia disponível.

Entretanto, para que todo esse esforço – não somente do Brasil e da Bahia, tenho certeza, mas de muitos outros países com os mesmos desafios que os nossos – tenha êxito, é urgente que os produtores de café, especialmente os menores e seus trabalhadores, mereçam, do conjunto desse excepcional negócio, uma melhor recompensa pelo seu esforço, talento e importância para a sociedade.

Devo acrescentar que, além do café, do cacau e do melhor carnaval do Brasil, a natureza concedeu à Bahia um vasto potencial a explorar; são terras apropriadas para o cultivo de grãos, como a soja, o algodão, o milho, além das frutas e da produção animal.

Somente na região do oeste da Bahia, temos mais de um milhão de hectares de solos férteis e planos, com excelente oferta de água, ideais para investimentos em grandes escalas de produção.

Encerro minhas palavras, reiterando o convite feito pelos organizadores do evento para que, no dia 30 de setembro, após o encerramento da reunião da OIC, visitem o Oeste baiano, uma dádiva da natureza e um presente para investidores inteligentes.

Obrigado pela presença de todos e tenham um grande evento.